

1. No dia 9 de Maio, a Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra promoveu a representação da peça "O Livro de Cristóvão Colombo", do autor católico francês Paul Claudel. Iniciado o espectáculo, com a lotação do Teatro Gil Vicente esgotada, a peça desenrolou-se na maior calma, ordem e normalidade até ao fim do primeiro acto, suscitando os aplausos unânimes da assistência.

Chegados ao primeiro intervalo, o Reitor da Universidade de Coimbra, sem qualquer explicação, ordenou a suspensão imediata da representação, sob pena de intervirem as forças policiais.

Com a sua medida inexplicável, Sua Excelência perturbou um espectáculo que decorria com a maior ordem. Convidado pela direcção da "Oficina de Teatro" a dirigir-se à assistência (onde se encontravam o Vice-Reitor, Directores de Faculdade, Membros do Senado, e centenas de estudantes), a dar notícia do facto, afirmou que "não estava em cena", o que, com certeza, queria significar que não pertencia ao elenco da peça "O Livro de Cristóvão Colombo", facto, aliás, de que a direcção da Oficina de Teatro tinha conhecimento.

Esta conclusão não valia, no entanto, quanto à cena e à representação que estavam, e estão, a desenrolar-se nos corredores e pátios da Universidade e das Instalações Académicas, uma vez que Sua Excelência se dirigiu várias vezes à assistência formada por agitadores e desordeiros que, de pedras na mão e bandeirinhas vermelhas, exigiam, dentro do tradicional espírito de tolerância e compreensão que caracterize certos sectores, a interrupção da peça "O Livro de Cristóvão Colombo", do autor católico francês Paul Claudel.

A Oficina de Teatro ficou a saber, perante o sucedido, e segundo o pensamento implícito do Magnífico Reitor, que a agitação só se resolve punindo os não-agitadores, e que a Ordem só se salvaguarda cumprindo as exigências da Desordem.

Um espectáculo decorre em ordem, e há desordeiros que querem perturbá-lo. A única maneira para evitar a desordem é acabar com o espectáculo que decorria na melhor ordem, satisfazendo as exigências dos desordeiros.

2. Registamos, para os devidos efeitos, o inefável protesto de chamada "direcção-geral aleita da A.A.C." por os estudantes de Coimbra não terem "aceite prontamente a decisão de suspensão do espectáculo", (sic, "Informação ao País", 11-5-70), conforme o Magnífico Reitor e a Polícia, à sua ordem, exigiram...

Ao mesmo tempo, registamos também, a diligência com que a Polícia foi chamada a intervir dentro das Instalações Académicas (Teatro Gil Vicente) contra os estudantes que participavam pacífica e interessadamente numa manifestação cultural.

3. Afirmou o Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, no seu comunicado de 13-5, que autorizou "um espectáculo cuja realização foi lamentavelmente perturbada, donde se originaram incidentes condenáveis".

A direcção da "Oficina de Teatro" tem a esclarecer o seguinte, quanto a este ponto: a realização do espectáculo não foi perturbada por quaisquer incidentes. Repetimos: dentro do Teatro Gil Vicente não houve quaisquer incidentes que tivessem impedido a continuação da representação. Esta não continuou porque o Magnífico Reitor a interrompeu, cor respondendo ao voto da minoria reunida no "Convívio" das Instalações Académicas.

Se houve algum incidente, julgamos que foi esse.

Esta é a verdade, testemunhada por quantos — e foram centenas — assistiram à representação da peça.

4. É eis que chegamos à fase seguinte: ordena-se um inquérito para apurar responsabilidades, e definir "directrizes futuras", as quais, certamente, não serão outras senão as que já constavam do "programa" do Magnífico Reitor: "pacificação", "despolitização" e "reforma".

Com o inquérito que vai levantar-se apurar-se-ão as responsabilidades dos que contrariaram a pacificação, constituindo grupos minoritários de agitação e desordem, como o que se mostrou na Praça da República em Coimbra, e na sala de Convívio das Instalações Académicas; apurar-se-ão as responsabilidades dos que violaram a despolitização, pretendendo impedir a representação da peça do autor católico Paul Claudel, em nome de confesados propósitos políticos; apurar-se-ão as responsabilidades dos que não desejam a reforma da Universidade, mas a subversão de todas as instituições nacionais.

5. Porque o Magnífico Reitor, no comunicado citado, taceu algumas considerações sobre o seu "programa" e a sua efectivação, julgamos ser-nos lícita uma palavra de comentário, a concluir: não é cedendo à anormalidade que se normaliza, não é transigindo com a agitação que se pacifica, não é sujeitando-se à subversão que se despolitiza, não é do-brando-se à revolução que se reforma.

ESCLARECIMENTO

Estava prevista, e oficialmente anunciada, para sexta-feira, dia 10, no Teatro de Gil Vicente, a apresentação da peça de PAUL CLAUDEL "O Livro de Cristóvão Colombo", pela Oficina de Teatro da Universidade de Coimbra, incluída no programa do I Encontro dos Professores do Ensino Superior e Secundário da Língua e Literatura Portuguesas.

Foi, entretanto, comunicado à Direcção do Organismo, por um elemento da comissão executiva do Encontro, que o referido espectáculo havia sido cancelado pelas autoridades académicas, devendo considerar-se, assim, retirado o convite que anteriormente lhe tinha sido dirigido.

Não podendo deixar de estranhar a gravidade de semelhante atitude, entrou a Direcção da Oficina de Teatro em contacto com o Magnífico Reitor, buscando saber das razões que a teriam motivado.

Muito amavelmente, fez-lhe saber S. Ex.^a estar fundadamente esperançado numa muito próxima efectivação do tão desejado apaziguamento académico. Nesse condicionalismo, não julgou oportuna a nossa apresentação, por recear forte reacção de determinado sector da Academia (presumimos nós que, portanto, o menos interessado nesse apaziguamento, a julgarmos fundados os receios do Magnífico Reitor), que só viria agravar "ódios" já existentes.

Poderá parecer, à primeira vista, ser esta mais uma forma de calar aquela parte da Academia — já, de sua natureza, a mais silenciosa e, desta vez, na sua expressão artística, certamente a mais inofensiva das suas manifestações —, à custa de cuja passividade se vem tentando construir uma aparência de paz.

Longe de nós, porém, vimos batalhar no que haveria de ser percepção precipitada das intenções em causa. Ao contrário, tentando antes cooperar, com a melhor vontade, para a readificação de uma verdadeira paz académica, englobando todos os elementos integrantes da modernizada corporação de mestres e alunos, em que a nossa Universidade se deve definir, a Direcção da Oficina de Teatro querera entender a atitude ora tomada, como o tendo sido no espírito mais favorável à solução por que tenta lutar também.

Se veio referir o caso, fez-lo tão-sómente no intuito de dar público conhecimento da impossibilidade de realização do espectáculo a todos os que, pelas mais variadas razões (avultando, certamente, a impressão formada na tão favorável crítica que a nossa digressão por terras portuguesas de Angola proporcionou), têm vindo a manifestar interessado desejo de a ele assistirem.

Coimbra, aos 9 de Abril de 1970.

A Direcção da

OFICINA DE TEATRO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA